

Uma Experiência Do Ensino De História No Eja

Raupp, Fagundes. J
Pereira; M. O. R
Jfagundes682@gmail.com
Universidade Federal Do Rio Grande

Palavras-chave: educação de jovens e adultos, ensino de história, didática

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir da disciplina de didática no curso de história licenciatura na FURG. Através de um trabalho específico foi dada a tarefa à nossa turma, de visitarmos uma escola, observarmos uma aula de história e entrevistarmos a professora ou professor responsável pela disciplina, indagando sobre suas alegrias e desafios no desenvolvimento da profissão. Dessa forma venho relatar minha experiência de graduanda no decorrer da visita à aula de história na modalidade EJA (ensino de jovens e adultos), que por sua vez contou também com reflexões através de uma entrevista com a professora responsável da disciplina e seu relato sobre suas satisfações e dificuldades enfrentadas na profissão, assim como considerações sobre os planejamentos das aulas.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada atende aos preceitos da pesquisa qualitativa por tratar-se de uma observação. Durante a visita à aula de história, observei os 45 minutos sentada ao fundo da sala para que assim pudesse ter uma visão mais ampla das relações dos estudantes entre si e com a professora, assim anotei o que achei mais importante em um bloco de notas; De acordo com Freire:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu* (FREIRE 1982, p. 41).

Nesta sala de aula tinham alunos de variadas idades, todas maiores de 18 anos e vários dos alunos tinham ido direto do trabalho para a escola; entrevistei a professora fazendo perguntas elaboradas durante a observação da aula para que dessa forma se fizesse conexa as perguntas; também conversei com algumas alunas na hora do intervalo. Tal perfil da turma nos faz lembrar o que aponta Miguel Arroyo:

Aprofundar-nos nessas interrogações sobre quem são os educandos, de onde vêm, para onde voltam, de que percursos humanos-desumanos, sociais, raciais, de gênero e de trabalho... Será o caminho mais pedagógico para aprofundar-nos sobre quem somos. Para reinventar identidades educadoras, capazes de entender com quem educandos convivemos, que educandos formamos. Para reinventar que currículos capacitarão os mestres para entenderem-se entendendo os educandos – crianças, adolescentes, jovens-adultos (ARROYO,2017: p. 13).

A forma como desenvolvi o trabalho, isto é, a observação através da imersão, me permitiu um contato maior com a turma, com a escola e com a professora, isso permitiu que pelo menos eu pudesse melhorar minhas reflexões acadêmicas e ter empatia com as profissionais da educação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do mês de maio, visitei a escola estadual de ensino médio cujo nome não devo revelar por respeito à Lei Geral de Proteção dos Dados Lei 13.709 - Agosto 2018, ela fica localizada em um bairro que também possui características de balneário. Visitei a mesma no turno vespertino quando começam as aulas da modalidade EJA (ensino de jovens e adultos), conversei com a professora responsável pela disciplina de história, professora, contei que seria uma observação tranquila e que não iria intervir na aula, era a turma do nono ano, relativa ao terceiro ano do ensino médio, nessa turma tinham de 15 a 20 alunas/os e todas/os de idades variadas e a grande maioria estava no serviço/trabalho antes de ir para a escola, alguns ainda estavam com o uniforme.

Nesta aula a professora apresentou o tema “ o dia do trabalhador “ feriado que ocorreu no dia anterior, durante a explicação do tema ela relacionou com o dia a dia dos alunos, acredito que ela optou por esta metodologia para que fizesse mais sentido na perspectiva deles, a mesma ainda propôs que os alunos fizessem uma atividade avaliada, onde iriam reproduzir a obra de Tarsila do Amaral “ Operários “ com o rosto dos alunos, durante a aula os alunos fizeram perguntas sobre o Enem (exame nacional do ensino médio), tinham dúvidas relacionadas a matéria, se o conteúdo que estava sendo passado iria fazer parte da avaliação, percebi que nem todos estavam prestando atenção. Porém a professora estava se esforçando para complementar a aula, no meu ponto de vista, ao menos metade daquela turma não demonstrava interesse pelo conteúdo proposto até o momento em que ela propõe a atividade, como mencionei anteriormente a professora buscou de forma lúdica relacionar o cotidiano dos alunos com o conteúdo que estava sendo exposto. Enquanto ocorria a aula fui elaborando perguntas para fazer mais tarde.

Após o encerramento desta aula de 45 minutos, entrevistei a professora, e por este meio ela relata o que lhe daria prazer em exercer a profissão como professora de história, disse que era o exercício constante de ensinar e aprender, estabelecendo uma relação de troca e afeto com as e os estudantes; da mesma forma conversamos sobre as dificuldades enfrentadas, que seria como a carga horária pequena e geralmente apenas duas aulas semanais para um número excessivo de turmas, claro a desvalorização da profissão é um ponto bastante

destacado na entrevista e a desmotivação e falta de conhecimento prévio dos alunos e alunas.

Por fim encerramos entrando no assunto de como ela planejava suas aulas, palavras dela: “Em primeiro lugar é preciso conhecer a realidade daquela turma. Conhecer os estudantes, buscar preparar aulas que despertem o interesse e a curiosidade. Não existe milagre. Às vezes acertamos, às vezes erramos. Às vezes dá certo, outras não. Isso é ser professora: estar constantemente nessa busca, ensinando e aprendendo. Minhas aulas são planejadas com base na BNCC (Base Nacional Comum Curricular)”.

A História na BNCC tem como pressuposto a ideia de que o conhecimento histórico é uma forma de pensar; uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, de construir explicações, desvendar significados e interpretar o mundo ao longo do tempo e do espaço. De acordo com a BNCC, é recomendável que os professores de História estimulem os alunos a compreenderem os vários eventos históricos, dinâmicas de poder e processos que levaram à transformação e manutenção de estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais.

O ensino de História no EJA possui características próprias, uma vez que os estudantes adultos trazem experiências de vida e conhecimentos prévios distintos dos alunos mais jovens. Além disso, muitos deles têm motivações particulares para retornar aos estudos, como aprimorar sua formação acadêmica, buscar melhores oportunidades de emprego ou simplesmente satisfazer uma vontade pessoal de aprender. O ensino de História no EJA é uma oportunidade valiosa para promover a cidadania, a consciência histórica e a valorização da diversidade cultural, ao mesmo tempo em que possibilita que os estudantes adultos concluam sua formação educacional e alcancem novos horizontes pessoais e profissionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos dados relatados, acredita-se que o ensino de História no EJA apresenta métodos interessantes a serem ressaltados; tais como a contextualização, o ensino de História no EJA deve ser pautado na contextualização dos acontecimentos históricos com a realidade atual dos estudantes.

Ao relacionar o passado com o presente, torna-se mais fácil para os alunos compreenderem a relevância da disciplina em suas vidas e na sociedade. Respeito à bagagem cultural, os estudantes do EJA têm experiências de vida diversas e um acúmulo de conhecimentos culturais próprios.

O ensino de História deve levar em conta essa bagagem cultural e valorizá-la, incentivando os alunos a compartilharem suas histórias e perspectivas; o ensino participativo, a metodologia de ensino deve ser participativa, envolvendo os

estudantes em debates, discussões e atividades práticas que estimulem o pensamento crítico e a reflexão sobre os temas históricos abordados.

Acredito que deva existir uma flexibilidade no currículo como os estudantes adultos frequentam o EJA em diferentes etapas de suas vidas, é essencial que o currículo seja flexível e adaptado às necessidades individuais, permitindo a recuperação de conteúdos atrasados e a aceleração daqueles que já possuem conhecimentos prévios. É importante incentivar a análise de fontes históricas, como documentos, fotografias, relatos orais e outros materiais, para que os alunos desenvolvam habilidades de pesquisa e interpretação de informações.

Trazer exemplos e acontecimentos históricos relevantes para a realidade local dos estudantes ajuda a despertar o interesse e a compreensão dos temas estudados. Muitos estudantes do EJA enfrentam desafios na leitura e interpretação de textos, é fundamental desenvolver estratégias de apoio para auxiliá-los nesse processo, tornando o aprendizado mais acessível.

Aulas dinâmicas se fazem importantes para a aprendizagem dos alunos do EJA, a utilização de recursos audiovisuais, atividades práticas, jogos educativos e outras estratégias dinâmicas podem tornar as aulas de História mais atrativas e efetivas.

5 Referencias

- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
Arroyo, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA : itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Edição do Kindle.